

Mulheres brasileiras estão em situação de alerta

Levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra cenário desolador em meio ao isolamento social. Números de feminicídios têm alta acentuada enquanto os registros de ocorrência de lesão corporal despencam

Samira Bueno e Juliana Martins
2 de junho de 2020

DIVULGAÇÃO/PMSP



Delegacia da mulher inaugurada no ano passado na cidade de São Paulo

A segunda edição do boletim sobre violência doméstica durante a pandemia de Covid-19, divulgado nesta segunda (1/6) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra o crescimento de 22,2% dos feminicídios entre março e abril deste ano e de 6% nos homicídios dolosos de mulheres. Os dados revelam ainda a redução de 25,5% dos registros de agressão em decorrência de violência doméstica e de 28,2% dos registros de estupro e estupro de vulnerável. Se as mulheres estão morrendo mais, denunciar o agressor em uma delegacia de Polícia parece estar mais difícil em meio a uma crise sanitária sem precedentes ou data para acabar.

Apesar da redução dos registros de boletim de ocorrência, verificada em todos os estados, o ligue180, central nacional de atendimento à mulher gerida pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), viu crescer em 34% as denúncias em março e abril de 2020 quando comparado com o mesmo período do ano passado. Os registros de atendimentos de violência contra a mulher registrados pelas Polícias Militares no 190 também cresceram, mas não é possível saber se o

acionamento se deu pelas vítimas ou por vizinhos e colegas, cada vez mais conscientes de que em briga de marido e mulher é necessário meter a colher.

Essa hipótese de que seriam terceiros a fazer o acionamento destes serviços ganha corpo a partir dos dados coletados pela Decode Pulse em um universo de 52 mil menções contendo algum indicativo de briga entre casais, realizadas entre fevereiro e abril deste ano. A análise indicou um aumento de 431% nos relatos de brigas com indícios de violência doméstica neste curto período, sendo que 53% de todos os relatos foram publicados na primeira quinzena de abril. É de se supor que as medidas de isolamento social impliquem em mais tempo das pessoas em casa, possibilitando ouvir conflitos que antes passavam despercebidos. Mas é também importante pontuar que a escuta de um episódio de violência não implica necessariamente na busca por serviços de denúncia. Se isso tem ocorrido, é possível que estejamos diante de maior conscientização por parte da população com relação a violência doméstica e intrafamiliar.

Os dois levantamentos realizados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública confirmam o que os dados já vinham sugerindo antes da pandemia: a violência de gênero vem crescendo no Brasil nos últimos anos e o feminicídio é sua expressão mais cruel. Os dados do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019* mostram que a residência é o local mais perigoso para meninas e mulheres, e que os agressores são pessoas conhecidas, com as quais, muitas vezes, possuem um vínculo. São cidadãos “comuns”: pais, avós, tios, trabalhadores. Nada parecido com o estereótipo de criminoso e inimigo construído durante a formação de policiais civis e militares, o que torna mais difícil para esses profissionais lidarem com esse tipo de violência.

Por se tratar de uma violência com raízes fortemente culturais, instituições policiais e do sistema de Justiça não vão dar conta, sozinhas, de enfrentá-la. Por outro lado, as polícias podem e devem compreender que violência doméstica é, sim, problema das instituições de segurança pública. Hoje, uma das principais demandas de atendimento do serviço 190 são os casos de violência doméstica, que assim se configuram parte do trabalho ordinário da Polícia Militar, e não uma excepcionalidade. Mas dada a complexidade do ciclo da violência contra as mulheres, o que faz com que a mulher muitas vezes desista do registro da ocorrência após o chamado inicial, esse tipo de atendimento pode ser interpretado como frustrante ou de menor importância pelo policial. Outro ponto importante é que esse tipo de atendimento também não integra indicadores convencionais de produtividade policial, que costumam levar em conta ações como prisões em flagrante, apreensão de armas e drogas. Configurações que fazem com que as ocorrências de atendimento a mulheres vítimas de violência sejam vistas pelo policial como perda de tempo.

Os dados levantados durante a pandemia nos mostram que não é a crise sanitária que causa a violência doméstica ou de gênero. O isolamento social, medida necessária para conter o contágio e preservar o sistema de saúde, agrava um problema que já era muito sério e acentua os fatores de vulnerabilidade. Essas mulheres, confinadas com seus agressores e com dificuldade em acessar os canais de denúncia, precisam da atenção de todas e todos nós: das autoridades policiais aos cidadãos e cidadãs. Estejamos atentos/as e disponíveis para nossas vizinhas, amigas, familiares.

Samira Bueno

Diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Juliana Martins

Coordenadora institucional do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-da-semana-5mxbj-qedcf-3eoys-26r5h-am2ce-n2rut-o2ncc-uricu-r5hgi-nf6xx-6v3nup-bs-smnuf-d2b4g-ztf7c>

